

Liliani Tiepolo  
liliani@ufpr.br



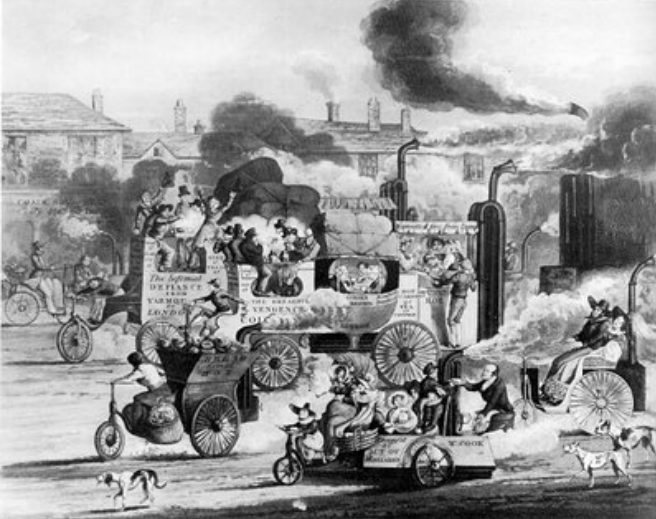
ENEGEA – MATINHOS 2011

# **SOCIEDADE DE RISCO E EDUCAÇÃO:**

Resistência local e política de enfrentamento

“O Sonho da razão produz  
monstros”  
Goya






# MODERNIZAÇÃO

O salto tecnológico de racionalização e a transformação do trabalho e da organização, englobando para além disto muito mais: a mudança nos caracteres sociais e das biografias padrão, dos estilos e formas de vida, das estruturas de poder e controle, das formas políticas de opressão e participação, das concepções de realidade e das normas cognitivas. O arado, a locomotiva e o microchip são indicadores visíveis de um processo muito mais profundo, que abrange e reconfigura toda a trama social, no qual se alternam as fontes de certeza das quais se nutre a vida.

# A SOCIEDADE GLOBAL DE RISCO:

CONTRIBUIÇÕES DE ULRICH BECK E ANTHONY GIDDENS

Conceito de risco passa a ocupar um papel central na teoria social. Os riscos ambientais e tecnológicos de graves consequências constituem-se, atualmente, nos conceitos-chave para a compreensão dos processos sociais em curso na atual sociedade contemporânea.



Alta Modernidade : Anthony Giddens  
Modernização Reflexiva : Ulrich Beck



As ameaças são globais  
supranacionais e independentes de  
classes.

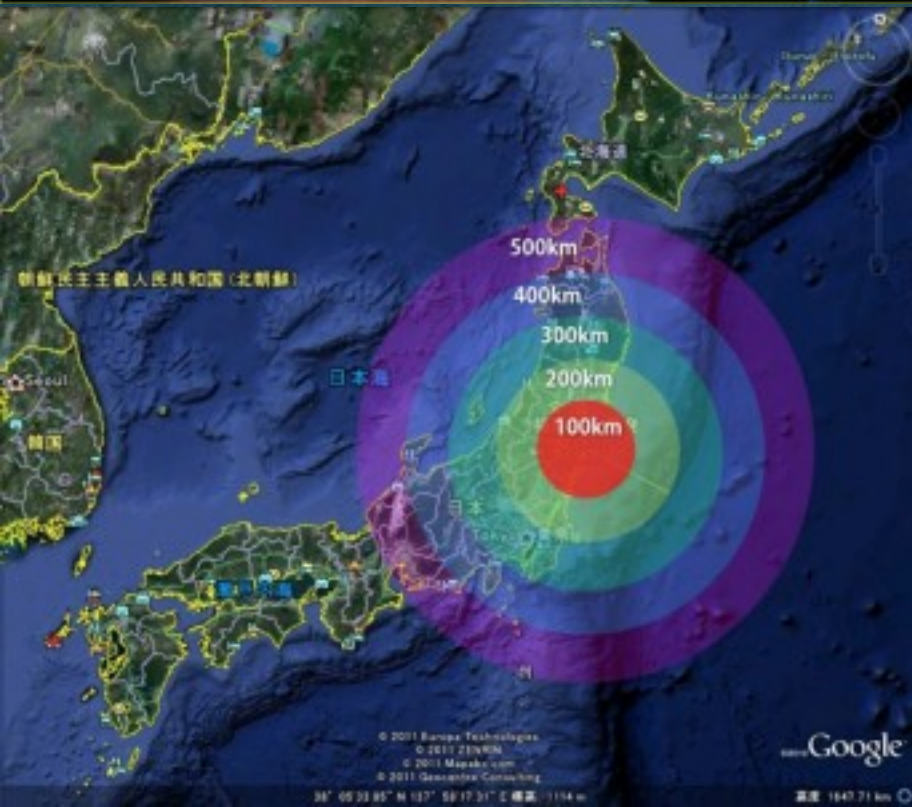
Consequências incontrolláveis, sem  
limites espaciais, temporais e  
sociais.

Apresentam sérios desafios às  
instituições dedicadas a seu  
controle.

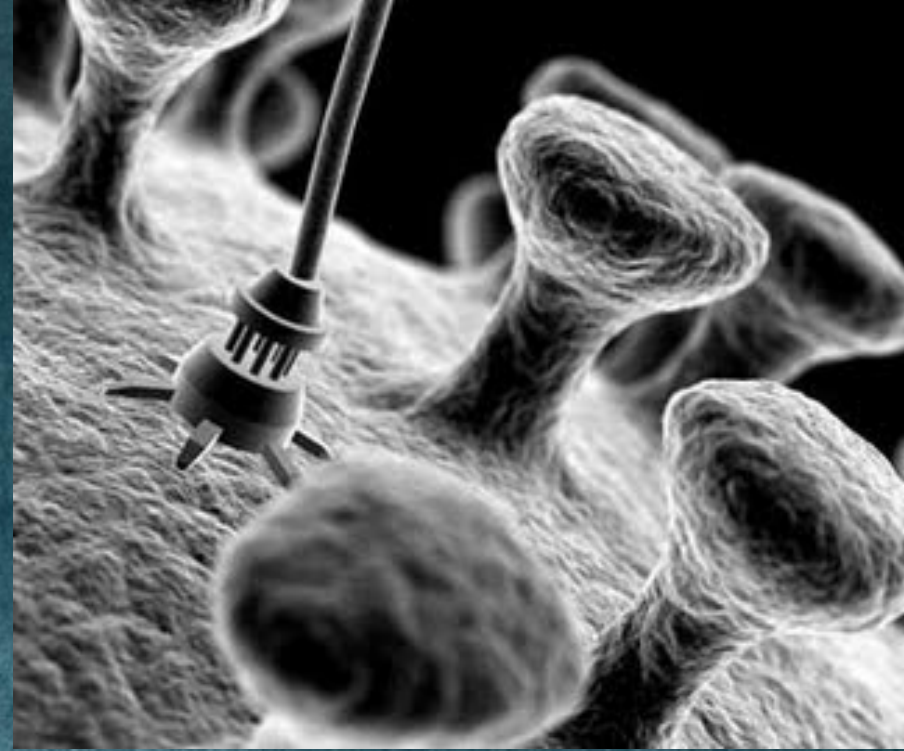
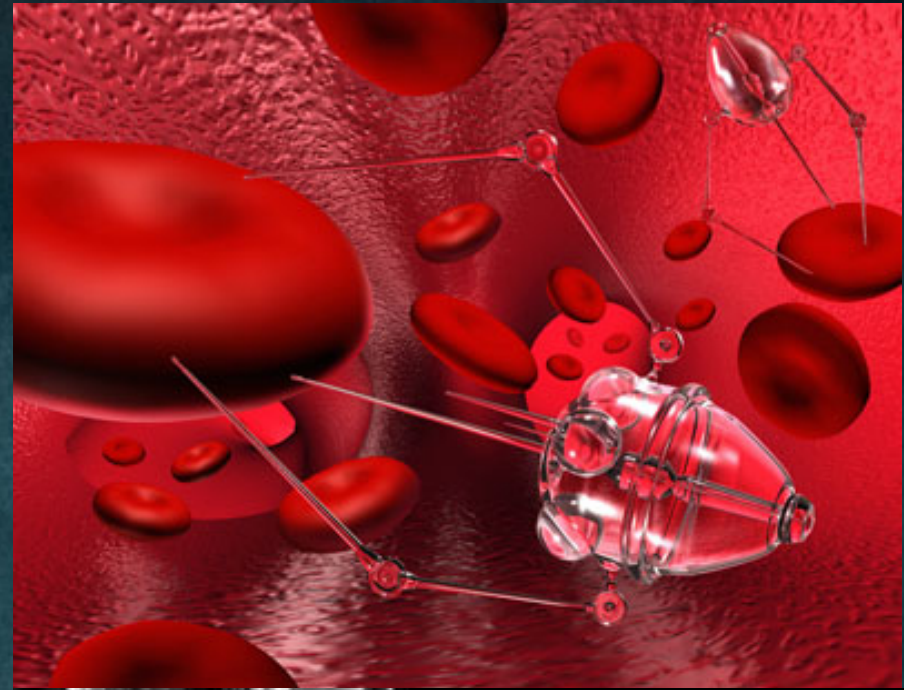
Invisíveis, irreversíveis,  
permanentes.

Distribuição de riscos – distribuição  
de riquezas.

Exemplo institucionalizado: AIA.



Beck e Giddens propõe que o conceito de sociedade de risco passe a substituir o de sociedade de classes (= sociedade industrial).





# SOCIEDADE DE RISCO

significa que vivemos em um mundo fora de controle. O termo “risco” tem dois sentidos radicalmente diferentes. Aplica-se, em primeiro lugar, a um mundo governado inteiramente pelas leis da probabilidade, onde tudo é mensurável e calculável. Mas a palavra é também usada para referir-se a incertezas não quantificáveis, a “riscos que não podem ser mensurados”: incertezas fabricadas.



# A LÓGICA DO NÃO CONTROLE

Há uma lógica de não controle institucionalizada e um sistema legal que persegue e regula em todos os seus detalhes os pequenos riscos tecnicamente manejáveis, mas que por outro lado legitima e impõe a todos os grandes riscos que a técnica não pode minimizar. Um exemplo facilmente perceptível: atuação dos órgãos ambientais: potencializam pequenos danos, extrapolam pequenos procedimentos – mas são incapazes de análises sistêmicas.

# QUE RISCOS?

Ecológicos, químicos, nucleares, genéticos, epidêmicos, econômicos (quebra de mercados), e sociais (violência, desemprego estrutural, subempregos)

**PRODUZIDOS industrialmente**  
**EXTERNALIZADOS economicamente**  
**INDIVIDUALIZADOS juridicamente**  
**LEGITIMADOS cientificamente**  
**MINIMIZADOS politicamente**



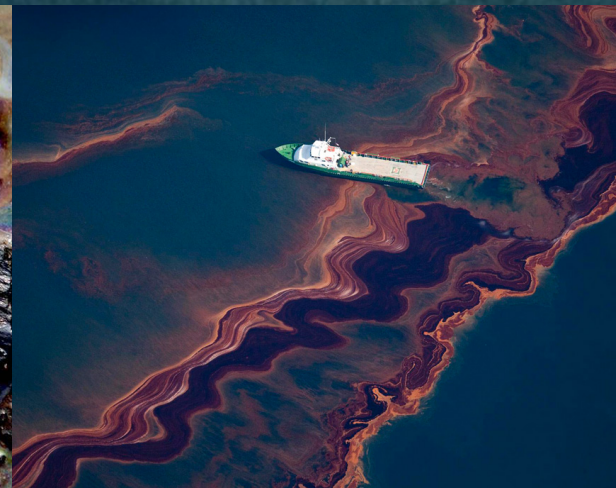


# SOCIEDADE INDUSTRIAL

- Esquema de classes
- Tradição da família nuclear
- Trabalho assalariado
- Ciência, tecnologia e progresso (convicções irrevogáveis)
- Democracia

**Irritações da época:**  
demonstram o êxito da modernização que atualmente já não ocorrem nos e sim, contra os trilhos da sociedade industrial

O cenário “antimodernista” que atualmente inquieta o mundo – crítica da ciência, da tecnologia, do progresso, dos movimentos sociais não contradiz a modernidade mas representa a expressão do seu desenvolvimento posterior ...



A sociedade industrial, justamente em sua concretização – nos passos leves da normalidade, se despede do palco da história, saindo pelos bastidores dos efeitos colaterais – e não de modo como havia sido previsto nos livros de teoria social: como um estrondo político revolucionário.



## MAS...

O acesso a essa visão é bloqueado por um mito renitente (e pouco conhecido), ao qual o pensamento social do século XIX se via preso e que lançou suas sombras por todo século XX e início do século XXI: o mito de que a sociedade industrial desenvolvida, com sua articulação esquemática de trabalho e vida, seus setores produtivos, seu pensamento em categoriais de crescimento econômico, sua compreensão científica e tecnológica e suas formas democráticas, constitui uma sociedade inteiramente moderna, o ápice da modernidade, para além do qual nada de razoável existe que possa ser mencionado.





# E TEM ESCAPATÓRIA?

Mais urgente do que nunca precisamos de esquemas de interpretação que nos façam – sem nos lançar equivocadamente à eterna velha novidade, repleta de saudades e bem relacionada com as discretas câmaras do tesouro da tradição – repensar a novidade que nos atropela e que nos permita viver e atuar com ela.

O mundo não está acabando, pelo menos não porque o mundo do século XIX está acabando.

O que há muito tempo foi previsto, há tempos já vem acontecendo, e vai continuar acontecendo, e ainda nem sequer acontece... **somos testemunhas oculares da história.**

Assim como no século XIX a modernização dissolveu a esclerosada sociedade agrária feudal e, ao depurá-la, extraiu a imagem estrutural da sociedade industrial, hoje a modernização dissolve os contornos da sociedade industrial e, na continuidade da modernidade, surge uma outra configuração social...



No século XIX, a modernização se **consumou** contra o pano de fundo de seu contrário: um mundo tradicional e uma natureza que cabia conhecer e controlar. (Por ex: privilégios estamentais e imagens religiosas do mundo passaram por um desencantamento).

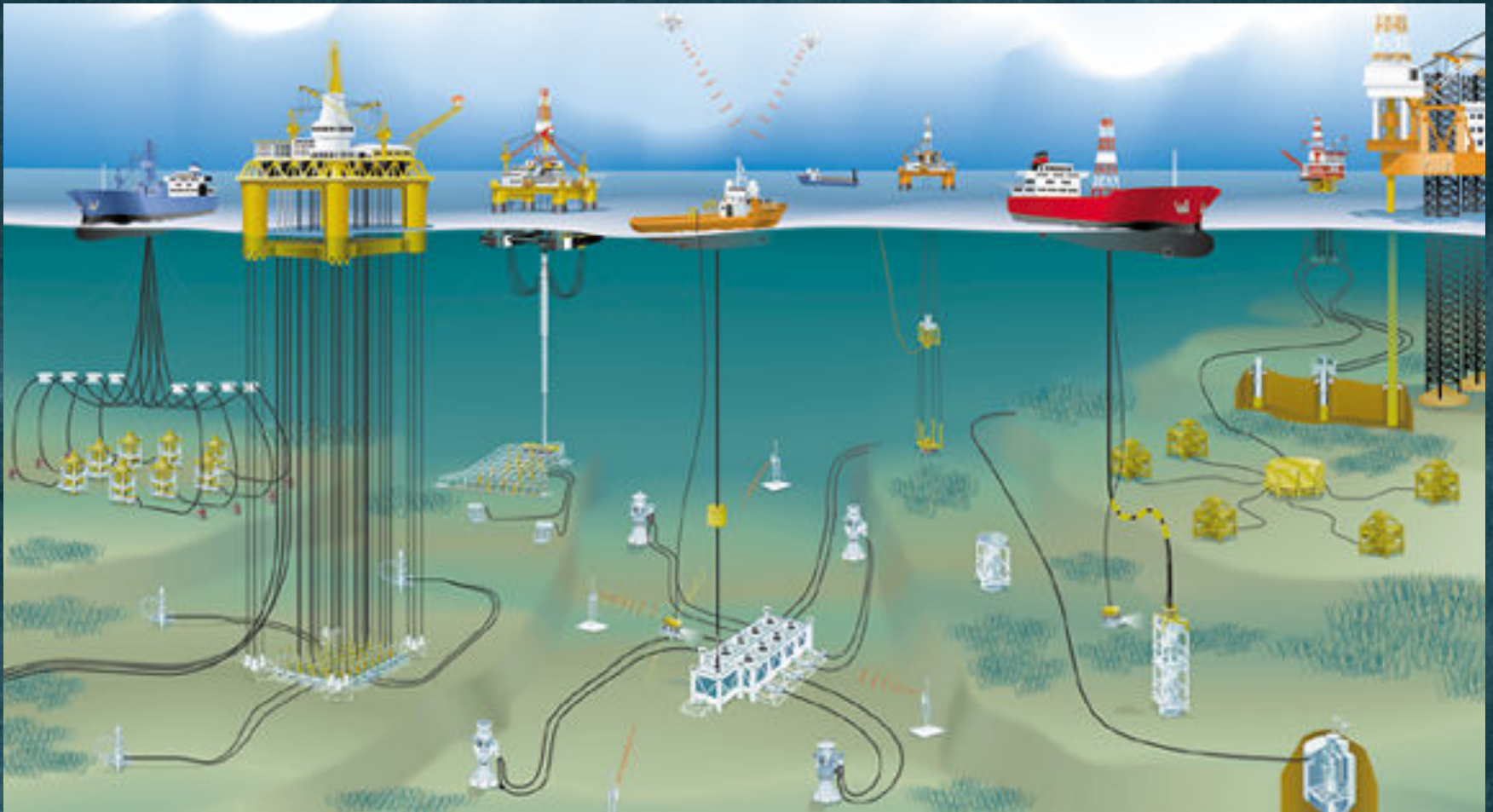


Hoje, a modernização *consumiu e perdeu* seu contrário, encontrando-se afinal a si mesma em meio as suas próprias premissas e princípios.

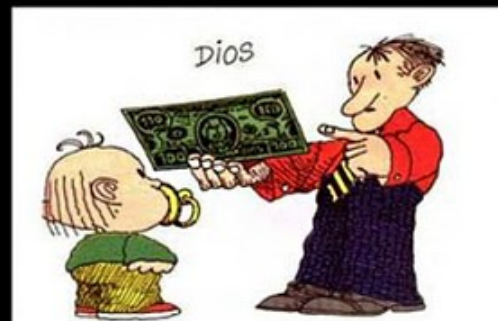
Hoje é o entendimento científico e tecnológico da sociedade que passa pelo mesmo processo, suas formas de vida e de trabalho na família nuclear e na profissão, os papéis modelo de homens e mulheres, etc.



***“A força do capitalismo está na extraordinária engenhosidade com que busca e descobre novas espécies hospedeiras sempre que as espécies anteriormente exploradas se tornam escassas ou se extinguem. E também no oportunismo e na rapidez, dignos de um vírus, com que se adapta às idiossincrasias de seus novos pastos.” Zygmunt Bauman***



# NOVA TEORIA E NOVA FORMA DE AÇÃO POLÍTICA





**O lema é:**

“Reinventar a sociedade e a política”

**Boaventura:** globalização contra-hegemônica – por uma política de caráter emancipatório e coletivo.

**Giddens:** política da vida.



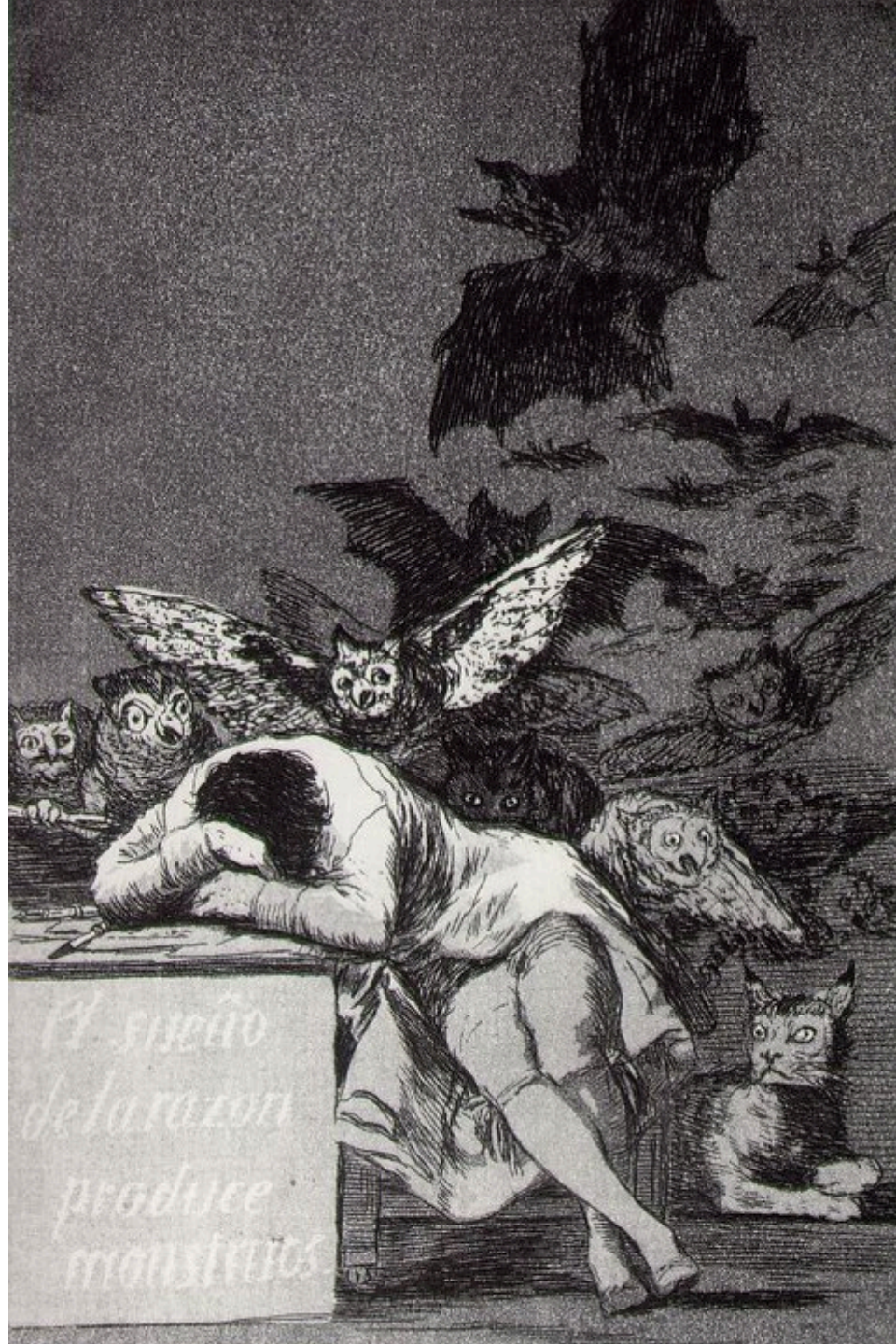
**Boaventura Souza Santos:** solidariedade transnacional.



**Anthony Giddens:** utopia da cooperação global.



**Ulrich Beck:** solidariedade cosmopolita.



El sueño  
de la razón  
produce  
monstruos.

I Encontro Nacional do

# JUNTOS!

JUVENTUDE EM LUTA

SE NÃO NOS DEIXAM SONHAR,  
NÃO OS DEIXAREMOS DORMIR



15 de Julho de 2011 - Goiânia - GO  
Programação em [www.juntos.org.br](http://www.juntos.org.br)



# REFERÊNCIAS

Bauman, Zygmunt. 2001. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar. 258p.

Beck, Ulrich. 2010. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34. 367p.

Giddens, Anthony. 1991. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp. 177p.

Santos, Boaventura de Souza. 2002. A globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez.

ABAIXO A DITADURA  
= POVO NO PODER =

A high-angle, black and white photograph capturing a massive, dense crowd of people. The individuals are packed closely together, filling the entire frame from the foreground to the background. In the upper left quadrant, a long, light-colored banner is held up, featuring the Portuguese slogan "ABAIXO A DITADURA" on the top line and "= POVO NO PODER =" on the bottom line. The banner is supported by thin poles. The overall scene conveys a sense of a large-scale public demonstration or protest.